

Uma questão familiar

A técnica em nutrição Alessandra Boaventura, 41 anos, não recebeu o diagnóstico do filho de imediato. Perto de completar 2 anos, Miguel, hoje com 4, ainda não balbuciava. Não tinha qualquer tentativa clara de se comunicar pela fala. Ao caminhar, dava alguns passos, mas regredia e voltava a engatinhar. “Não interagia nem com as pessoas mais próximas. Não era de sorrir nem de olhar nos olhos. Assim que notei, procurei um especialista”, conta a mãe.

Mesmo sem o laudo de TEA em um primeiro momento, Alessandra foi atrás de tratamento. Não descansou. Aliás, os dias continuam corridos porque o autismo é uma condição permanente, que exige cuidados constantes. O transtorno acabou diagnosticado por uma neuropediatra que o acompanha até hoje.

O grau de autismo de Miguel é considerado leve a moderado. Ele não toma medicamentos porque leva uma rotina que o ajuda. Vai à escola pela manhã, numa turma regular. O período da tarde é destinado às terapias em consultório com fonoaudióloga, psicóloga e terapia ABA naturalística, com muitas atividades lúdicas, que trabalham compreensão, desenvolvimento motor e empatia. A filha mais velha de Alessandra, Helena, tem 10 anos e é neurotípica (sem deficiência). Pode-se dizer que ela é o braço direito da mãe nos cuidados com o irmão em casa.

“Em momento nenhum, rejeitei a possibilidade de o meu filho ser autista e, mesmo antes da confirmação, corri atrás. Minha família abraçou a condição dele e me apoiou. E isso é tão importante, pois o autismo manifesta tantos comportamentos, reações”, pontua. Miguel, por exemplo, gosta de bolinhas e objetos pequenos. A mãe já pegou ele tentando empilhar grãos de arroz. “São formas peculiares de se distrair, algo muito próprio do autismo, que se manifesta de jeitos diferentes de criança para criança.”

No cotidiano, uma das principais dificuldades diz respeito à alimentação. O garoto tem seletividade alimentar severa e se nutre de pouquíssimos grupos alimentares. Tem aversão às



Alessandra Boaventura e o filho Miguel: por causa dele, a mãe descobriu que também tem um grau leve de autismo

Carlos Vieira/CB

comidas de cor escura e prefere que elas sejam crocantes. “Alguns autistas gostam somente de comida pastosa, ele é o contrário.” A mãe, nutricionista de formação, busca oferecer alternativas saudáveis que não afetem o sistema nervoso dele. Por causa dessa característica, Miguel faz integração sensorial, para trabalhar a textura de diferentes alimentos.

Duplo diagnóstico

O mais curioso é que, durante essa jornada, Alessandra se descobriu também autista. Fez testes neuropsicológicos, por indicação do neurologista, e recebeu o laudo aos 40 anos, confirmando TEA. O autismo leve, antes, era motivo de muita incompreensão. “Sempre me senti diferente. Saber que tinha autismo foi um alívio”, admite.

No trabalho, Alessandra era percebida como uma excelente profissional. O que pecava era a interação com os colegas. “Tenho muita dificuldade em lidar com pessoas. Preciso de rotina, nunca gostei de ambientes cheios e alguns barulhos e texturas me deixam altamente irritada”, conta.

Ao transtorno de ansiedade soma-se a ansiedade característica do autismo. Alessandra sofre por antecipação só de marcar um cinema com

os amigos. Hoje, ela tem um laudo que lhe concede o direito de ter um local isolado para trabalhar e, por causa das limitações, não exerce qualquer função — o que não a impede de ser uma profissional dinâmica, autodidata e desafiadora, como ela mesma se descreve.

Aliás, a partir da confirmação do autismo, a nutricionista passou a se conhecer e se respeitar cada dia mais. Os mais de 20 anos tratando depressão e ansiedade, de repente, fizeram sentido. Não se tratava somente disso. “O autismo foi transformador para nós dois. Até porque, por meio do diagnóstico do meu filho, pude reconhecer parte de mim. Quando recebi o meu resultado, chorava de alegria, eu me senti livre”, lembra.

De acordo com Carlos Uribe, neurologista do Hospital Brasília, a incidência de autismo é maior em quem tem um familiar próximo com TEA. O transtorno é genético, mas não existe um gene que o defina — é a interação entre vários genes que é determinante.

O médico ressalta que a definição de Transtorno do Espectro Autista vem sofrendo modificações. Na Síndrome de Asperger, que se aproxima de um autismo grau leve, a comunicação é preservada. Por outro lado, no transtorno de autismo, a fala é geralmente afetada. “Por isso, há um movimento para delimitar o autismo. Assim, a Síndrome de Asperger se afastaria do autismo, para melhor tratar e entender cada um”, aponta.